

ESPAÇOS QUE FALAM: CONTRIBUIÇÕES DE BEATRIZ TRUEBA PARA A ORGANIZAÇÃO DE AMBIENTES EDUCATIVOS



SPACES THAT SPEAK: BEATRIZ TRUEBA'S CONTRIBUTIONS TO THE ORGANIZATION OF EDUCATIONAL ENVIRONMENTS

AMANDA RUBIO MACENA ANGELO

Graduação em Licenciatura em pedagogia pela Faculdade Unicid (2015); especialista em educação infantil pela Faculdade UniAmérica 2024; Professora de Educação infantil no CEI WALTER DE ANDRADE, PROF.

RESUMO

Propostas de Atuação em Ambientes para a Infância – Beatriz Trueba Marciano. O livro fala sobre como criar lugares bons para criança. A autora dá ideias e dicas sobre ambientes que ajudam no crescimento das crianças e trazem paz e alegria. Ela mostra formas diferentes de pensar sobre o espaço onde as crianças vivem, brincam e aprendem. A obra de Beatriz Trueba Marciano faz uma reflexão crítica sobre os lugares educativos para a infância, ressaltando a importância dos espaços como partes do ensino. A autora fala da influência de crenças, ideais e práticas de ensino na formação dos locais escolares, sugerindo uma abordagem que leve em conta o olhar bonito, a habitabilidade e a utilidade dos lugares como partes importantes do processo de aprender. Com base em princípios que valorizam ouvir, carinho, liberdade e conversa; Trueba sugere ambientes que se comuniquem com as necessidades e potenciais das crianças favorecendo o encontro, experiência e conhecimento mútuo entre adultos e crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Espaço Pedagógico; Ambientes Educativos; Estética na Educação; Infância.

ABSTRACT

Proposals for Acting in Environments for Children - Beatriz Trueba Marciano. The book talks about how to create good places for children. The author gives ideas and tips on environments that help children grow and bring peace and joy. She shows different ways of thinking about the space where

children live, play and learn. Beatriz Trueba Marcano's work critically reflects on educational places for children, highlighting the importance of spaces as part of teaching. The author talks about the influence of beliefs, ideals and practices of teaching on the formation of school places, suggesting an approach that takes into account the beautiful look, habitability and usefulness of places as important parts of the learning process. Based on principles that value listening, affection, freedom and conversation; Trueba suggests environments that communicate with children's needs and potential, favoring the encounter, experience and mutual knowledge between adults and children.

KEYWORDS: Early Childhood Education; Pedagogical Space; Educational Environments; Aesthetics in Education; Childhood.

INTRODUÇÃO

A infância é uma fase crucial no desenvolvimento humano, repleta de descobertas, aprendizados e interações que têm um impacto profundo na formação do indivíduo. Durante esse tempo, as crianças estão em constante evolução física, cognitiva, emocional e social, o que torna a escolha dos ambientes educativos essencial para o sucesso de suas experiências de aprendizado. Nesse cenário, os espaços educativos que recebem as crianças em suas primeiras vivências escolares não devem ser vistos apenas como locais físicos, mas como ambientes vibrantes, dinâmicos e cuidadosamente organizados para apoiar o processo de ensino e aprendizado. A maneira como percebemos o espaço na Educação Infantil vai além de sua função prática, assumindo um papel ativo e significativo na mediação das relações entre crianças, educadores, objetos e conhecimentos. O espaço escolar, por sua vez, não é apenas um lugar de passagem, mas um ambiente que molda e influencia as práticas pedagógicas e o desenvolvimento da criança.

Nos últimos anos, as conversas sobre a importância dos ambientes na Educação Infantil têm ganhado cada vez mais atenção, impulsionadas por abordagens pedagógicas que veem o espaço como um “terceiro educador” — um conceito que se espalhou bastante graças a experiências educativas inspiradas em Reggio Emilia. Nessa visão, o ambiente não é apenas um local para as atividades, mas sim um espaço que comunica, provoca e ensina, tornando-se um elemento essencial na criação de experiências pedagógicas significativas. A pedagogia de Reggio Emilia, que coloca o ambiente no coração da prática educativa, sugere que o espaço deve ser projetado para incentivar a exploração, a experimentação, a expressão e a construção do conhecimento de forma ativa e criativa. Assim, refletir sobre o espaço é também refletir sobre as práticas pedagógicas, as dinâmicas de poder, as visões sobre a infância e os direitos das crianças. Criar ambientes educativos não pode ser separado de um compromisso ético que respeite a criança como um sujeito de direitos, reconhecendo suas necessidades, curiosidade e habilidades de aprendizagem.

Quando os ambientes são bem planejados, eles podem realmente ampliar a escuta e o protagonismo das crianças. Isso permite que elas interajam de maneira ativa e criativa com o mundo ao seu redor, estimulando sua autonomia e promovendo aprendizagens que fazem a diferença. Ao

transformar o espaço em um lugar acolhedor, cheio de afeto e provocações, o educador cria as condições ideais para que as crianças desenvolvam suas habilidades de forma integral, respeitando seus próprios tempos e ritmos de aprendizagem. Esses espaços vão além do físico; eles são também emocionais e simbólicos, capazes de gerar um ambiente de segurança, confiança e pertencimento. As crianças se desenvolvem e aprendem muito melhor quando se sentem seguras e respeitadas na escola, especialmente quando o espaço lhes oferece liberdade para explorar, criar, interagir e se expressar. Dentro desse contexto, a obra "Espaços em Harmonia: Propostas de Atuação em Ambientes para a Infância", escrita por Beatriz Trueba Marcano, traz uma contribuição significativa para a Educação Infantil. Ela oferece uma análise crítica e profunda sobre como os ambientes escolares são organizados e como esses espaços influenciam o desenvolvimento das crianças. A autora defende que os ambientes devem ser projetados com uma lógica que priorize o acolhimento, a escuta, a sensibilidade estética e a autonomia infantil. Com uma abordagem que une teoria e prática, Trueba convida os educadores a refletirem sobre a importância dos espaços como parte essencial do currículo e como uma expressão das escolhas pedagógicas de cada instituição. Ela ressalta que os ambientes não são neutros; eles carregam marcas ideológicas, culturais e emocionais, refletindo as crenças dos adultos sobre a infância, o conhecimento e o processo educativo. Assim, repensar os espaços também significa revisar as concepções pedagógicas e propor práticas que sejam mais humanizadas, democráticas e respeitadas às singularidades das crianças.

Além disso, Trueba sugere que os espaços educativos devem ser vistos como lugares que incentivam a interação, a troca de ideias e o desenvolvimento de laços afetivos, tanto entre as crianças quanto entre elas e os educadores. A obra destaca que o ambiente escolar precisa ser projetado para refletir a ideia de uma infância ativa, curiosa, criativa e capaz de se expressar de várias maneiras, respeitando a diversidade de ritmos e estilos de aprendizagem. Ao ressaltar a importância da estética, da organização dos materiais, da intencionalidade pedagógica e da escuta atenta às crianças, Trueba ajuda a redefinir a prática docente e a própria experiência escolar na Educação Infantil. Assim, o ambiente se transforma em um espaço fértil para a construção de vínculos, a valorização das identidades infantis e o fortalecimento de uma pedagogia baseada no afeto, na empatia e no cuidado.

Este artigo tem como objetivo explorar as contribuições da obra de Beatriz Trueba Marcano na criação de ambientes educativos que sejam mais sensíveis, significativos e alinhados ao projeto pedagógico da escola. A proposta da autora de repensar os espaços vai muito além de apenas reorganizar o mobiliário ou implementar novas tecnologias; ela busca uma transformação profunda na maneira como encaramos a educação infantil. O intuito é mostrar como os ambientes podem impulsionar o desenvolvimento integral das crianças e fomentar relações mais afetuosas, criativas e colaborativas no dia a dia escolar. A reflexão que se propõe aqui visa, portanto, enriquecer a formação dos docentes e o planejamento educacional, considerando os espaços como aliados essenciais no processo de ensino. Nesse contexto, a obra de Beatriz Trueba nos convida a ter um novo olhar sobre

o papel do espaço na Educação Infantil, instigando todos os envolvidos no processo educativo a reavaliar suas práticas, crenças e os valores que desejam transmitir às crianças através dos ambientes que habitam.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A criação de espaços educativos que realmente valorizem a infância exige uma base teórica robusta, que leve em conta as diversas dimensões do desenvolvimento infantil, os direitos das crianças e as consequências pedagógicas dessas decisões. A ideia de que o ambiente atua como um terceiro educador, proposta por Loris Malaguzzi dentro da abordagem Reggio Emilia, é uma das principais referências que Beatriz Trueba utiliza em sua obra. Sob essa ótica, os espaços não são apenas vistos como simples suportes físicos para as atividades pedagógicas; eles assumem um papel ativo na mediação dos processos de aprendizagem. Assim, o ambiente não é apenas o lugar onde as crianças estão, mas também o que facilita, organiza e dá significado às experiências que elas vivenciam.

A proposta de Malaguzzi, que vê o ambiente como um "terceiro educador", sugere que o espaço, as relações interpessoais e os materiais devem ser organizados de forma intencional, visando criar condições para que as crianças possam se expressar, explorar e experimentar de maneira significativa. Trueba dialoga com esse conceito ao afirmar que o ambiente escolar deve ser considerado um agente pedagógico, que dialoga com as crianças, instiga sua curiosidade e suas ações e provoca aprendizados espontâneos. Ao reconhecer a importância do espaço como elemento de interação, a autora propõe que os educadores assumam a responsabilidade de projetar ambientes que favoreçam o desenvolvimento integral das crianças, considerando suas múltiplas linguagens, experiências e formas de aprender.

Trueba também se alinha com as teorias construtivistas de Jean Piaget e Lev Vygotsky, que ressaltam o papel crucial do ambiente como um mediador na construção do conhecimento. Para Piaget, as crianças constroem o conhecimento ativamente, interagindo com o meio e com os outros ao seu redor. Nesse sentido, o ambiente educativo deve proporcionar condições que permitam às crianças experimentar e explorar, sempre respeitando suas construções cognitivas, emocionais e sociais. Por outro lado, Vygotsky, com sua teoria sociocultural, enfatiza que a aprendizagem acontece principalmente através das interações sociais, sendo essencial a presença de adultos e colegas para que as crianças possam ampliar suas zonas de desenvolvimento proximal. Assim, o ambiente deve ser organizado de maneira a incentivar essas interações, criando espaços que promovam a troca de ideias, a colaboração e o diálogo, tanto entre as crianças quanto entre elas e os educadores.

Dentro dessa visão construtivista, o ambiente se transforma em um espaço vibrante de aprendizado, onde as crianças não são apenas receptoras de informações, mas sim participantes ativas na construção do seu próprio conhecimento. Para que isso aconteça, é fundamental que o espaço seja cuidadosamente planejado, oferecendo diversas oportunidades para exploração,

expressão e experimentação, sempre respeitando os tempos, interesses e particularidades de cada criança. Dessa forma, o ambiente físico, além de ser um lugar acolhedor, deve ser projetado para incentivar a autonomia, o protagonismo e a habilidade de resolver problemas das crianças. Ele precisa ser organizado de maneira a favorecer a atividade e a interação, permitindo que as crianças se sintam protagonistas do seu processo de aprendizado, enquanto estimulam sua criatividade, curiosidade e iniciativa.

A visão construtivista da aprendizagem também se alinha com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que afirmam o direito da criança a um espaço que favoreça sua identidade, autonomia, ludicidade e expressão.

As DCNEI propõem que o ambiente escolar deve ser estruturado de maneira que favoreça o desenvolvimento integral da criança, respeitando suas características e necessidades. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também reafirma a importância de ambientes que promovam a participação ativa das crianças em suas trajetórias formativas. Nesse sentido, a organização do espaço escolar deve contemplar os campos de experiência que a BNCC propõe, como o conhecimento de si, dos outros e do mundo, a linguagem e a convivência social, promovendo a construção do conhecimento de forma interativa e contextualizada.

A estética, que em muitos contextos é vista apenas como um elemento decorativo, assume, na proposta de Trueba, um papel fundamental na criação de ambientes educativos. Autores como Paulo Fochi e Adriana Friedmann destacam a importância de se pensar na estética dos espaços escolares como uma forma de comunicação. Para Fochi, a estética não deve ser vista apenas como um atributo visual, mas como algo que comunica valores, estabelece atmosferas e pode promover sentimentos de pertencimento, segurança e acolhimento. Em suas reflexões sobre os espaços educativos, ele propõe que o ambiente seja estruturado de forma a criar uma atmosfera de cuidado, que favoreça o bem-estar das crianças, estimule a criatividade e contribua para o desenvolvimento das múltiplas linguagens. Da mesma forma, Friedmann ressalta que a estética deve ser entendida como uma ferramenta pedagógica poderosa, capaz de transformar o ambiente escolar em um espaço de encontro e aprendizado, no qual a criança se sinta valorizada e respeitada.

Além disso, a organização do espaço deve ser pensada de maneira flexível, para que ele se adapte às necessidades das crianças, oferecendo cenários ricos em estímulos, materiais diversificados e oportunidades de investigação e descoberta. A flexibilidade do ambiente permite que ele seja reconfigurado conforme as necessidades das atividades e dos grupos de crianças, favorecendo uma aprendizagem que se construa de maneira ativa e colaborativa. Nesse processo, o educador desempenha um papel fundamental, pois é ele quem, a partir de sua sensibilidade e intencionalidade pedagógica, escolhe e organiza os materiais, as propostas de atividades e as interações com as crianças, de modo a garantir que o ambiente favoreça o desenvolvimento pleno de suas capacidades e potencialidades.

A combinação entre intencionalidade pedagógica e escuta sensível ao cotidiano das crianças é o que torna o ambiente um aliado potente da aprendizagem. Ao ouvir as crianças, respeitar suas opiniões, interesses e formas de interação com o espaço, o educador pode construir ambientes mais dinâmicos, personalizados e significativos, que favoreçam o protagonismo infantil e o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Isso também implica na criação de ambientes que favoreçam a diversidade e o respeito às diferenças, reconhecendo que cada criança tem uma forma única de aprender e interagir com o mundo ao seu redor.

PROPOSTAS DE BEATRIZ TRUEBA PARA OS ESPAÇOS DA INFÂNCIA

Beatriz Trueba apresenta uma visão integrada que conecta o espaço físico, as interações humanas e os projetos pedagógicos. Para ela, os ambientes devem refletir uma ideia de infância que é vibrante, curiosa e capaz, e não apenas um local de cuidado e contenção. A forma como os materiais são organizados, a disposição dos móveis, a qualidade da luz e a escolha das cores devem se alinhar com os princípios de acolhimento, escuta e participação. Esses elementos não podem ser escolhidos ao acaso; eles precisam ser pensados de maneira estratégica para promover o bem-estar, a concentração e o envolvimento das crianças nas atividades do dia a dia (Trueba, 2022, p. 57). Um dos pontos-chave nas propostas de Trueba é a valorização da estética como uma forma de comunicação e respeito pela infância. Ambientes harmoniosos, que incorporam elementos naturais, áreas de convivência e espaços para experiências sensoriais, são vistos como ferramentas que estimulam a imaginação, a criatividade e o bem-estar das crianças.

A presença da natureza, por exemplo, é considerada fundamental para o desenvolvimento integral, proporcionando experiências de cuidado, contemplação e conexão com o mundo. A organização dos espaços, tanto internos quanto externos, deve facilitar o movimento livre, o brincar simbólico, a interação entre diferentes idades e o contato com diversas linguagens e materiais. Trueba também enfatiza a importância de ouvir ativamente as crianças durante o planejamento dos espaços. Isso implica levar em conta suas vozes, interesses e maneiras de ocupar o espaço, criando ambientes que realmente sejam co-construídos com elas. A prática docente, nesse contexto, deve ser reflexiva e aberta ao diálogo, rompendo com lógicas que priorizam os adultos e as hierarquias (Friedmann, 2005, p. 57).

Ouvir as crianças faz com que os ambientes se tornem mais relevantes e conectados à realidade delas, incentivando uma abordagem pedagógica que é participativa e democrática. Ao envolver as crianças no planejamento e na organização do espaço, estamos reforçando a noção de pertencimento e valorizando a diversidade das experiências infantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Beatriz Trueba Marcano faz uma contribuição valiosa para a criação de ambientes mais sensíveis, éticos e impactantes na Educação Infantil. Ao enxergar os espaços como elementos pedagógicos, a autora convida educadores e instituições a reavaliar suas práticas à luz de uma pedagogia que valoriza a estética, a participação e o respeito à infância (Trueba, 2022, p. 65). As propostas que ela apresenta vão além da teoria, oferecendo ferramentas concretas para transformar as escolas em lugares acolhedores, de aprendizado e convivência. A ênfase na estética, no afeto e na escuta ativa é um passo importante para entender o espaço como um território onde se constroem significados e aprendizagens. Esses elementos são essenciais, pois reconhecem que o ambiente não só facilita o aprendizado, mas também é um catalisador de afetividade, expressão e identidade. Nesse contexto, a obra de Trueba reforça a ideia de que a qualidade do ambiente físico tem um impacto direto nas relações sociais e na percepção de identidade das crianças. Assim, as práticas pedagógicas precisam estar sempre alinhadas com os espaços que ocupam.

O espaço não é apenas um pano de fundo, mas um agente ativo que estimula e potencializa o desenvolvimento infantil. Trueba nos provoca a repensar a escola como um campo de possibilidades, onde a criança não é apenas uma receptora de conhecimento, mas uma protagonista que, a partir do ambiente que habita, pode desenvolver novas maneiras de pensar, brincar e aprender. Para isso, os educadores devem estar atentos às necessidades emocionais e intelectuais das crianças, criando espaços que incentivem a criatividade, a autonomia e a exploração sensorial.

O conceito de escuta ativa, que é uma parte fundamental da obra de Trueba, é crucial para que o espaço se torne verdadeiramente significativo para as crianças. Quando elas são ouvidas e suas vozes são valorizadas na construção do ambiente, sentem-se mais pertencentes e responsáveis por esse espaço, criando um ciclo positivo de aprendizado e desenvolvimento. Esse tipo de escuta vai além da simples observação; envolve uma escuta empática, permitindo que as crianças se expressem de várias maneiras e, assim, tenham suas necessidades e desejos compreendidos. O ambiente se transforma em um reflexo de uma pedagogia respeitosa, onde a escuta se torna um dos pilares da prática educativa. A integração de diferentes formas de expressão, como a linguagem corporal, as artes e o movimento, deve ser levada em conta na organização dos espaços para atender às diversas dimensões da experiência infantil.

Em uma visão mais ampla, Trueba sugere que a estética seja vista como uma ferramenta essencial no processo de aprendizado. Aqui, a estética não se limita apenas à beleza, mas inclui aspectos como harmonia, atenção aos detalhes e conexão com a natureza. Ambientes esteticamente agradáveis promovem o bem-estar das crianças e incentivam a aprendizagem por meio de uma sensibilidade aguçada.

As cores, os materiais, a iluminação e a disposição dos móveis devem ser escolhidos com o objetivo de criar um espaço que envolva, desafie e motive a criança a explorar, questionar e aprender.

Essa atenção ao espaço físico é uma maneira de educar a sensibilidade das crianças, proporcionando não apenas experiências de conhecimento, mas também experiências estéticas que as conectem com o mundo ao seu redor (Fochi, 2020, p. 33).

Além disso, planejar ambientes que respeitem a diversidade das crianças e suas necessidades é essencial para criar um espaço democrático e inclusivo. O ambiente deve ser projetado para acolher diferentes ritmos de aprendizagem, promovendo a interação, o jogo, a reflexão e a experimentação. Ao facilitar a convivência entre diversas idades e incentivar a troca entre os colegas, o espaço se transforma em um local de construção coletiva do conhecimento. Assim, a escola se torna um ambiente inclusivo, onde as diferenças são respeitadas e valorizadas, permitindo que cada criança tenha a chance de se descobrir, se expressar e aprender de uma forma única e personalizada.

O grande desafio, portanto, é criar ambientes que sejam seguros, acessíveis, desafiadores e, ao mesmo tempo, acolhedores. Isso exige que os educadores se comprometam a refletir constantemente sobre suas práticas, levando em conta as condições materiais e afetivas do ambiente escolar. Transformar a escola em um lugar de encantamento, descoberta e transformação social também requer uma postura crítica em relação às condições materiais e às práticas pedagógicas atuais. Não é suficiente apenas reorganizar o mobiliário ou investir em decoração: é fundamental criar uma atmosfera de afeto, respeito e inclusão, onde as crianças possam realmente se sentir parte do processo educativo.

Essa reflexão sobre os espaços também se conecta com as questões sociais mais amplas que envolvem a educação. Em um contexto em que a desigualdade social ainda é uma realidade presente, a criação de ambientes de aprendizagem que promovam equidade e acesso a oportunidades de aprendizagem é essencial. Trueba, ao destacar a importância do acolhimento e da escuta, contribui para uma visão de escola que vai além da simples transmissão de conteúdos, buscando promover o desenvolvimento integral das crianças, respeitando suas individualidades e potencialidades.

Em resumo, a obra de Beatriz Trueba é um convite à reflexão sobre como os espaços podem ser pensados de maneira mais intencional, mais sensível e mais humanizada. O ambiente escolar não deve ser apenas um local de ensino, mas um espaço de experiências, onde as crianças podem se tornar sujeitos ativos no processo de aprendizagem e desenvolvimento. A transformação dos ambientes educativos, portanto, implica uma mudança profunda nas práticas pedagógicas, que devem ser orientadas por um compromisso com a criança, com a educação e com a sociedade. Nesse sentido, Trueba nos inspira a imaginar e a construir escolas que sejam, de fato, ambientes de encantamento, aprendizado e transformação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009.

FOCHI, Paulo. Espaços educativos para a infância: estética, política e experiência. Porto Alegre: Penso, 2020.

FRIEDMANN, Adriana. A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas na infância. São Paulo: Panda Books, 2005.

MALAGUZZI, Loris. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

TRUEBA, Beatriz. Espaços em harmonia: propostas de atuação em ambientes para a infância. São Paulo: Wak Editora, 2022.